

# Anais da XVII Mostra Científica Sadi Bogado

Annals of the 17th Sadi Bogado Scientific Exhibition

Yury Cristovão Barros Ribeiro<sup>1</sup>, Júlia Pacheco da Costa<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Coordenador do evento. Discente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf). yurycbribeiro@gmail.com

<sup>2</sup> Colaboradora do evento. Discente do curso de Medicina Veterinária da Uenf. juliapachecosta@gmail.com

## RESUMO

A Universidade Estadual do Norte Fluminense realizou sua semana acadêmica de 23 a 27 de outubro de 2024, protagonizada pelos estudantes dos cursos da instituição. O evento ofereceu palestras, minicursos e mesas redondas sobre temas relevantes, proporcionando troca de experiências e atualização profissional. A 27ª Semana Acadêmica de Medicina Veterinária incluiu a 17ª edição da mostra científica Sadi Bogado, dedicada à divulgação de projetos acadêmicos. Foram inscritos 18 trabalhos, com 11 apresentações orais, principalmente relatos de caso. A presente publicação objetiva disponibilizar os resumos no formato de anais do evento. A comissão organizadora agradece aos participantes e à comissão científica, que contribuíram para o sucesso do evento, fortalecendo a comunidade acadêmica.

**Palavras-chave:** Medicina Veterinária, Semana Acadêmica, Ensino, Pesquisa, Extensão.

## ABSTRACT

The Universidade Estadual do Norte Fluminense held its academic week from October 23 to 27, 2024, led by students from the institution's courses. The event offered lectures, short courses and round tables on relevant topics, providing an exchange of experiences and professional updating. The 27th Academic Week of Veterinary Medicine included the 17th edition of the Sadi Bogado scientific exhibition, dedicated to the dissemination of academic projects. 18 works were registered, with 11 oral presentations, mainly case reports. This publication aims to make the abstracts available in the event proceedings format. The organizing committee thanks the participants and the scientific committee, who contributed to the success of the event, strengthening the academic community.

**Keywords:** Veterinary Medicine, Academic Week, Education, Research, Extension.



## Apresentação

A Universidade Estadual do Norte Fluminense realizou entre os dias 23 a 27 de outubro de 2024 sua semana acadêmica. Um evento protagonizado pelos estudantes de seus respectivos cursos, responsável por oferecer palestras, minicursos e mesas redondas. Elas trazem atualização sobre temas relevantes e propiciam meios diversos de conhecimento e troca de experiências profissionais aos alunos. A semana acadêmica de Medicina Veterinária está em sua vigésima sétima edição e, nesta, ocorreu a décima sétima edição da mostra científica Sadi Bogado.

A Sadi Bogado é um evento dedicado à divulgação de projetos e experiências acadêmicas. Um espaço dentro da semana acadêmica em que alunos da UENF e de outras instituições podem divulgar projetos e experiências, além da exposição de atividades de ensino, pesquisa e Extensão.

Esta edição contou com 18 trabalhos inscritos e aceitos para publicação nos anais do evento, sendo que 11 desses foram apresentados na modalidade apresentação oral. A maioria das exposições versou sobre relatos de caso. Uma banca avaliadora avaliou, com base em critérios acadêmicos, as apresentações. Com base nisso, o trabalho melhor avaliado foi premiado com uma inscrição em um congresso, sendo este um incentivo valioso para o reconhecimento do esforço e dedicação dos estudantes na produção de estudos qualificados.

A comissão organizadora da XVII Sadi Bogado agradece aos autores pelos trabalhos enviados e toda a comissão científica que contribuiu para a correção, revisão e avaliação. Essas iniciativas não apenas enriquecem a experiência acadêmica dos alunos, mas também fortalecem a comunidade acadêmica como um todo.

**Yury Cristovão Barros Ribeiro**

*Coordenador do evento*



## SUMÁRIO

### Contents

<b>Entrópio em equino – Relato de caso</b>	<b>4</b>
<b>Bloqueio às cegas do Nervo Auricular Caudal e Auriculotemporal em técnica de correção de Otohematoma</b>	<b>5</b>
<b>Bloqueio às cegas do Nervo Trigêmeo por abordagem temporal para nodulectomia em pálpebra</b>	<b>6</b>
<b>Dermatofitose canina - Relato de caso</b>	<b>7</b>
<b>Esporotricose canina - Relato de caso</b>	<b>8</b>
<b>Hidrocefalia Congênita em Felino: Relato de Caso</b>	<b>9</b>
<b>Ruptura Uterina com a Presença de Feto na Cavidade Abdominal em Paciente Canino - Relato de Caso</b>	<b>10</b>
<b>Folículo Hemorrágico Anovulatório em Equino: Relato de caso</b>	<b>11</b>
<b>Uso de soro autólogo no tratamento de lesão de córnea em potro: relato de caso</b>	<b>12</b>
<b>Alopecia pós-tosa em Spitz Alemão: Relato de caso</b>	<b>13</b>
<b>Uso da uretroscopia no diagnóstico e tratamento da urolitíase em equino: Relato de caso</b>	<b>14</b>
<b>Carcinoma espinocelular como diagnóstico diferencial da esporotricose em paciente felino - relato de caso</b>	<b>15</b>
<b>Laserterapia na reparação tecidual em equino</b>	<b>16</b>
<b>Relato de caso: Lesão óssea mandibular causada por emaranhamento em Sotalia guianensis (van Bénédén, 1864)</b>	<b>17</b>
<b>Urolitíase vesical em equino: relato de caso</b>	<b>18</b>
<b>Vigilância da circulação de Paramyxovirus e Influenza A em aves silvestres migratórias e residentes</b>	<b>19</b>
<b>Conscientização da comunidade sobre os riscos de contaminação microbiana após o contato com animais silvestres na região Norte/Noroeste Fluminense</b>	<b>20</b>
<b>Uma abordagem sobre a formação do médico veterinário como profissional de saúde única</b>	<b>21</b>

# Entrópio em equino – Relato de caso

**Marina Boechat. V. Andrade<sup>1</sup>, Italo dos S. Coutinho<sup>1</sup>, Lucas de M. Castro<sup>1</sup>,  
Marianna Alves de L. Pinheiro<sup>1</sup>, Yasmin R. de Souza<sup>1</sup>, Ana Bárbara Freitas R.  
Godinho<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

[20211300051@pq.uenf.br](mailto:20211300051@pq.uenf.br)

## RESUMO

Entrópio é uma alteração palpebral, na qual os pelos e cílios da pálpebra ficam em contato com a córnea e a conjuntiva, resultando em ulceração corneana com secreção. O diagnóstico é feito por inspeção direta e a correção é cirúrgica, na maioria dos casos. O presente trabalho relata o caso de um equino, macho da raça Quarto de Milha, competidor de laço individual, 20 anos de idade, 450 kg, encaminhado a avaliação oftalmológica. Os sinais clínicos apresentados foram epífora contínua no olho esquerdo, associado a dificuldade de abertura das pálpebras mantendo sempre o olho esquerdo um pouco mais fechado que o direito. Durante o exame físico, observou-se que o animal estava responsivo, alerta e apresentava parâmetros clínicos normais para a espécie. No entanto, no exame detalhado oftalmológico concluiu-se que o animal apresentava entrópio da pálpebra inferior do olho esquerdo, fazendo com que os cílios entrassem em contato com o bulbo do olho, causando dor e irritação. O procedimento cirúrgico foi realizado a campo, com o equino em posição quadrupedal. Para sedação foi utilizado detomidina 1%, na dose de 0,02 mg kg<sup>-1</sup> e bloqueio local na linha de incisão com 6ml de lidocaína 2% sem vasoconstritor, na dose de 0,3 mg kg<sup>-1</sup>. Foi realizada a antisepsia prévia da região orbital e em seguida foi feita a primeira incisão a 1mm da margem palpebral inferior do olho esquerdo e na extensão do entrópio. A segunda incisão, abaixo da primeira, encontrando com ela, formando uma meia lua na região do entrópio a ser corrigido. A área demarcada foi removida juntamente com o tecido subcutâneo. Por último, foi suturada com fio vycril 2-0 em padrão simples separado. No pós-operatório administrou-se soro antitetânico (5.000 UI, IM, dose única), antibioticoterapia com procaína, Benzilpenicilina g benzatina e dihidroestreptomicina, (10.000 UI, IM, SID, durante 7 dias) e, anti-inflamatório flunixin meglumine, (1,1 mg kg<sup>-1</sup>, IM, SID, durante 5 dias). Recomendou-se limpeza diária da ferida cirúrgica, com solução tópica antisséptica de iodopovidona a 2%, BID, durante 5 dias, após esse período, limpeza com solução fisiológica (NaCl 0,9%), BID, durante 10 dias. Após 20 dias observou-se completa cicatrização dos pontos e remoção completa dos fios cirúrgicos. O animal apresentou boa recuperação funcional, com cicatrização adequada e sem complicações no pós-cirúrgico.

**Palavras-chave:** Entrópio, Cirurgia, Equino.

# Bloqueio às cegas do Nervo Auricular Caudal e Auriculotemporal em técnica de correção de Otohematoma

Milena P. P. de Souza<sup>1</sup>, Gabriela R. Salvador<sup>1</sup>, Vitória C. G. Galdino<sup>1</sup>, Carolina P. Borges<sup>1</sup>, Isabelly Moreira<sup>1</sup>, Fernanda Antunes<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

[milenapavanip@gmail.com](mailto:milenapavanip@gmail.com)

## RESUMO

O Nervo auricular caudal é um ramo do nervo facial e é responsável pela inervação motora da orelha e inervação sensitiva da pele do pavilhão auricular. Um outro nervo responsável pela inervação da face interna da cartilagem auricular é o nervo auriculotemporal, uma ramificação do nervo mandibular, que se localiza na margem dorso-caudal do músculo masseter e canal auditivo externo. Ambos nervos são eletivos para o bloqueio anestésico em procedimentos a nível do conduto auditivo externo, bula timpânica ou de pavilhão auricular, como na correção do otohematoma. O otohematoma é uma das afecções mais comuns do aparelho auditivo, caracterizado pela formação de uma coleção de sangue, originando-se entre a cartilagem da orelha e pele da superfície côncava, oriundo da ruptura de vasos sanguíneos em consequência comumente de traumatismo ou otite externa. Este trabalho tem por objetivo relatar a técnica anestésica do bloqueio às cegas dos nervos auricular caudal e auriculotemporal para a insensibilização do conduto auditivo na técnica cirúrgica de correção de otohematoma. Um canino sem raça definida, fêmea, de 9 anos, foi encaminhado para o setor de cirurgia do Hospital Veterinário da UENF, sendo submetido a cirurgia para a correção de otohematoma, após queixa de pavilhão auricular intensamente edemaciado. Para a realização desse procedimento cirúrgico, foi utilizado como medicação pré-anestésica, Cetamina na dose de 1mg/Kg, Fentanil 2,5 microgramas/Kg e Clorpromazina na dose de 0,5 mg/Kg, todas administradas por via intravenosa. Na indução foi utilizado o Propofol em dose efeito, também por via intravenosa. Em plano anestésico mais profundo, foi possível realizar a tricotomia e assepsia do local com clorexidina degermante 2% e alcoólica 0,5%. Deste modo, sem que houvesse reflexo laríngeo, o animal foi intubado, mantido a oxigênio 100% e mantido em anestesia inalatória com isoflurano. Com o paciente em plano anestésico adequado, foi possível a realização da técnica de bloqueio locorregional com Bupivacaína na dose de 1mL/Kg para bloqueio do Nervo Auricular Maior e Aurículo Temporal. A punção foi feita às cegas, sem o uso de neurolocalizador, apenas com a palpação do músculo masseter e osso mandibular, posicionando o cateter intravenoso de calibre 22G em sentido ventrodorsal rente à margem caudal do masseter e articulação temporomandibular, inserindo em torno de 9 mm da agulha, onde foi depositado o anestésico local. A monitoração do animal foi constante, através do monitor multiparamétrico, avaliando-se oximetria, eletrocardiograma e pressão arterial, apresentando a média dos valores de 110 mmHg de pressão arterial sistólica, 75 mmHg de pressão arterial diastólica, 92 mmHg de pressão arterial média, 92 bpm de frequência cardíaca, 20 mpm de frequência respiratória e 99 à 100% de saturação, se mantendo assim durante toda a anestesia, que durou aproximadamente duas horas. A partir deste relato, é possível concluir que a conduta anestésica instituída na paciente em questão foi adequada e eficiente, visto que a mesma não apresentou sinais de estímulos nociceptivos.

**Palavras-chave:** Bloqueio, Monitoramento, Otohematoma.

# Bloqueio às cegas do Nervo Trigêmeo por abordagem temporal para nodulectomia em pálpebra

**Carolina P. Borges<sup>1</sup>, Gabriela R. Salvador<sup>1</sup>, Vitória C. G. Galdino<sup>1</sup>, Bárbara F. D. de Lima<sup>1</sup>, Bruno S. Canepelle<sup>1</sup>, Fernanda Antunes<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

[carolinapborgess@gmail.com](mailto:carolinapborgess@gmail.com)

## RESUMO

O nervo trigêmeo trata-se do maior nervo sensorial da cabeça. Este nervo subdivide-se em três ramos principais: o nervo oftálmico, responsável pela inervação sensorial da região ocular; o nervo mandibular, que se estende à área da mandíbula, e o nervo maxilar, incumbido da sensibilidade na região maxilar e também na pálpebra inferior. Este trabalho tem por objetivo relatar a técnica anestésica do bloqueio às cegas do nervo trigêmeo por abordagem temporal a fim de proporcionar anestesia e analgesia do bulbo e anexos oculares. Um canino do sexo feminino, SRD, de 13 anos de idade, foi encaminhado ao setor de cirurgia do Hospital Veterinário da UENF com a queixa de um nódulo ulcerado em região de pálpebra superior direita. Durante a avaliação clínica, o animal apresentou todos os parâmetros fisiológicos normais, exceto a ausculta cardíaca, na qual apresentava sopro cardíaco audível. A técnica cirúrgica proposta para o caso foi a nodulectomia com retalho palpebral em Hplastia e retalho de conjuntiva. Na medicação pré-anestésica foram utilizados Clorpromazina na dose de 0,5 mg/Kg, Cetamina 1 mg/Kg e Fentanil 3 mg/Kg todos em via intravenosa. Para a indução anestésica, utilizou-se Propofol em dose efeito também na via intravenosa. Assim, sem que houvesse reflexo laríngeo, foi possível realizar a intubação com traqueotubo nº 7,5 e mantê-lo na anestesia inalatória com Isoflurano. Para iniciar o bloqueio local, foi realizada a tricotomia e a região foi higienizada com solução de soro fisiológico acrescido de iodopovidona. Os materiais utilizados incluíram: cateter calibre 22G e Bupivacaína 0,5% na dose de 0,1ml/cm/Lcr (distância entre o ínio, a protuberância externa do occipital e o násio, linha imaginária traçada entre o canto nasal das pálpebras). Neste caso, o volume obtido de Bupivacaína foi de 1,3ml. A punção foi feita às cegas, sem o uso de neurolocalizador ou ultrassonografia, apenas com a palpação da margem do osso frontal e dos processos coronóides da mandíbula, posicionando o catéter rente à margem lateral do osso frontal em direção dorsoventral a artéria maxilar, inserindo em torno de 8mm da agulha, onde foi depositado o anestésico. Os parâmetros do animal anestesiado sem estímulo cirúrgico foram: FC: 110 bpm; FR: 13 mpm; PAS: 91 mmHg; PAM: 72 mmHg; PAD: 50 mmHg e saturação 95%. Ao iniciar o procedimento cirúrgico, o animal se manteve estável, sem alterações significativas nos parâmetros fisiológicos, que variaram entre os seguintes números: FC: 110 bpm a 120 bpm; FR: 7 mpm a 12 mpm; PAS: 85 mmHg a 99 mmHg; PAM: 62 mmHg a 70 mmHg; PAD: 45 mmHg a 52 mmHg e saturação 99% a 100%. Assim, as médias dos valores foram: FC: 110 bpm; FR: 11 mpm, PAS: 90 mmHg; PAM: 63 mmHg; PAD: 63 mmHg e saturação 100%. Deste modo, ao analisar os parâmetros, é possível afirmar que a técnica anestésica proposta para o animal em questão foi eficiente e adequada, já que não houve sinais de estímulos nociceptivos.

**Palavras-chave:** Bloqueio, Nodulectomia, Parâmetros.

# Dermatofitose canina - Relato de caso

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

<sup>2</sup> Universidade Salgado de Oliveira.

20211300073@pq.uenf.br

**Marianna Alves de L. Pinheiro<sup>1</sup>, Marina Boechat V. de Andrade<sup>1</sup>, Amanda dos S. Nogueira<sup>1</sup>, Yasmin R. de Souza<sup>1</sup>, Blenda F. G. de Oliveira<sup>1</sup>, Nina Quintanilha Costa<sup>2</sup>**

## RESUMO

A dermatofitose é uma micose de tecidos queratinizados, frequente entre os felinos e cães, caracterizada por lesionar a pele. Existem mais de 30 espécies de dermatófitos reconhecidas, porém o *Microsporum gypseum*, *Trichophyton Mentagrophytes* e principalmente o *Microsporum canis* são espécies que apresentam grande importância, sendo causadores da doença nos animais domésticos e em humanos. A via de transmissão é por contato direto com os esporos, que são as formas infectantes, presentes no ambiente ou em fômites contaminados. Haja vista seu caráter zoonótico e os crescentes casos em animais domésticos, o presente trabalho descreve o caso de uma cadela da raça yorkshire, de 5 anos de idade, castrada e diagnosticada com dermatofitose. Durante a anamnese, a queixa principal do tutor era de alopecia multifocal e descamação com presença de crostas acentuadas, que haviam piorado nos últimos meses, com prurido intenso, apatia e anorexia. Ao exame clínico e dermatológico foram identificadas lesões crostosas, alopecia generalizada, descamação farinácea intensa e mucosas discretamente hipocoradas. Desse modo, o animal foi submetido à coleta sanguínea para hemograma, indicando anemia e trombocitopenia, e um teste 4Dx para detecção de anticorpos da doença, tendo resultado positivo para *Ehrlichia canis*. Em seguida foi realizada citologia, apresentando muitos cocos e malassezias, assim como exame de triagem com a lâmpada de Wood, sendo possível observar a coloração azul brilhante na presença do *Microsporum canis*, apontando como diagnóstico sugestivo da dermatofitose. No tratamento inicial foi administrado Doxiciclina na dose de 5mg/kg BID por 28 dias. Recomendou-se tratamento tópico com shampoos à base de Clorexidina 3% e Miconazol 2%, associados a suplementos vitamínicos, além de hidratação com cremes à base de ureia para controle da disqueratinização. Após o tratamento prescrito, foi realizado hemograma para monitoração da erliquiose, com recuperação inicial dos parâmetros e nítida melhora do quadro dermatológico da paciente. Em vista disso, foi instituído o tratamento sistêmico para a micose com Itraconazol na dose de 10mg/kg SID por 4 meses. Por fim, após 3 meses da última avaliação, foi possível perceber remissão das crostas, descamação e total repilação da paciente, normalização do hemograma e retorno ao ganho de peso, caracterizando um protocolo terapêutico eficaz.

**Palavras-chave:** Dermatofitose, Cão, Fungo.

# Esporotricose canina - Relato de caso

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

<sup>2</sup> Universidade Salgado de Oliveira.

[20211300071@pq.uenf.br](mailto:20211300071@pq.uenf.br)

**Anne Mota Paula<sup>1</sup>, Nina Quintanilha<sup>2</sup>, Laura A. B. Avelino<sup>1</sup>, Livia dos S. A. de Oliveira<sup>1</sup>, Lucas de M. Castro<sup>1</sup>**

## RESUMO

A esporotricose é uma micose comumente causada por fungos do complexo *Sporothrix schenckii*, os quais apresentam caráter geofílico e zoonótico. Estes fungos dimórficos formam micélios em ambientes de matéria orgânica, mas são leveduriformes no hospedeiro. Apresentam distribuição mundial, com foco epidemiológico em regiões de clima quente e úmido. Sua transmissão acontece por inoculação traumática através do contato direto entre animais, principalmente felinos, com o solo ou com plantas. Em cães, a forma de apresentação mais comum é a cutânea, com o desenvolvimento de nódulos firmes múltiplos, áreas alopecicas e lesões ulceradas não dolorosas nem pruriginosas, localizadas principalmente ao longo do tronco, cabeça e orelhas. Em felinos, é comum a forma cutânea disseminada, gerando lesões tegumentares, linfáticas, ulcerativas, granulomatosas e exsudativas purulentas. Tendo em vista os crescentes casos em animais domésticos, este trabalho registra o caso de um cão SRD, com 4 anos, não castrado, de 20 kg, proveniente da zona rural do município de Campos dos Goytacazes (RJ). O paciente foi encaminhado ao atendimento com lesões papulonodulares, exsudativas sanguinolentas espalhadas por todo o corpo, seguindo a rede linfática e cutânea, e com aumento de linfonodos pré-escapulares. Durante a anamnese foi relatado que, inicialmente, as lesões eram pequenas e localizadas, tendo surgido de forma aguda, no entanto, em pouco tempo, houve a evolução do quadro clínico, caracterizando o avanço da lesão e a sua conseqüente disseminação pelo corpo. O livre acesso à rua proporcionado ao paciente resultou em um maior contato com outros animais e com o solo. Assim, por meio da anamnese e da realização do exame físico e do exame citológico direto das lesões, bem como a posterior execução da cultura fúngica, foi possível confirmar a esporotricose. Diante da positividade do caso, o protocolo terapêutico instituído consistia na administração do antifúngico itraconazol na dose 10 mg por kg a cada 24 horas. No retorno, após 2 meses de tratamento, observou-se a atenuação das lesões, portanto, manteve-se o tratamento por mais 4 meses. Por fim, realizou-se uma nova avaliação onde foi constatada a total melhora das lesões e recobrimento piloso. Sabe-se que o potencial zoonótico desta doença em cães é mínimo, no entanto os cuidados higiênicos, o monitoramento intensivo do animal e a restrição ao acesso a áreas contaminadas foram mantidos, garantindo uma recuperação adequada e a prevenção da contaminação dos tutores e do ambiente.

**Palavras-chave:** Esporotricose, Lesões, Cão.



# Hidrocefalia Congênita em Felino: Relato de Caso

**Giovana L. Albuquerque<sup>1</sup>, Bruna F. Callegari<sup>2</sup>, Brenda S. Petroneto<sup>2</sup>, Gustavo S. de Souza<sup>3</sup>, Ramayana O. de S. Menezes<sup>1</sup>, Helena K. Hokamura<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Discente de Medicina Veterinária na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF).

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciência Animal (UENF).

<sup>3</sup> Médico Veterinário Residente em Diagnóstico por Imagem - Radiologia (UENF).

<sup>4</sup> Doutora em Anatomia dos Animais Domésticos e Silvestres pela Universidade de São Paulo (USP).

[giovanalimaalbuquerque@gmail.com](mailto:giovanalimaalbuquerque@gmail.com)

## RESUMO

O termo hidrocefalia é comumente utilizado para indicar aumento de volume dos ventrículos cerebrais, particularmente os ventrículos laterais, podendo ocorrer de forma congênita após o nascimento ou adquirida por doenças que alteram o fluxo do líquido cefalorraquidiano (LCR). Esta alteração acomete animais de diferentes espécies, com maior frequência em filhotes, embora considerada uma congênica rara em felinos. O presente relato descreve um caso clínico de um felino, macho, com 26 dias de vida, da raça persa, que exibiu sinais de atraso no desenvolvimento em relação aos seus irmãos, incluindo incapacidade de sustentar a cabeça. Durante a avaliação clínica foi realizada uma análise neurológica acompanhada da testagem para o vírus da leucemia felina (FeLV). Além da solicitação da coleta de sangue para o hemograma. Com o resultado dos exames foi possível constatar que o animal apresentava uma discreta anemia associada a um quadro de infecção sistêmica. O teste negativo para FeLV descartou esta doença viral como uma complicação adicional para o quadro. O animal foi encaminhado para a realização do estudo radiográfico do crânio evidenciando abaulamento da calvária com adelgaçamento da cortical e persistência das fontanelas em osso frontal. Além de aumento de opacidade líquida na região correspondente ao parênquima cerebral, sendo essas imagens radiográficas sugestivas de hidrocefalia. A hidrocefalia congênita é frequentemente associada às malformações do crânio, incluindo fontanelas persistentes. Seu diagnóstico descreve acúmulo anormal de líquido cerebroespinal nos ventrículos, ocasionando um aumento da pressão intracraniana. Tal fato corrobora com o atraso no desenvolvimento e com a dificuldade em sustentar a cabeça, sinais clínicos apresentados pelo paciente deste relato. Vale ressaltar que a presença da infecção sistêmica e da anemia agravou o estado clínico do animal, levando o felino a óbito no terceiro dia após dar entrada na clínica. Levando em consideração os desafios para o diagnóstico e tratamento adequado de distúrbios neurológicos graves, como a hidrocefalia congênita em felinos, conclui-se que o exame radiográfico é um recurso rápido e seguro para o diagnóstico precoce desta alteração rara em felinos, possibilitando assim, uma melhor qualidade de vida e sobrevida para os pacientes.

**Palavras-chave:** Malformação Craniana, Neonatologia, Radiologia.

# Ruptura Uterina com a Presença de Feto na Cavidade Abdominal em Paciente Canino - Relato de Caso

**Gabriela R. Salvador<sup>1</sup>, Thais F. A. Santos<sup>1</sup>, Jordana B. Jeronimo<sup>1</sup>, Luísa M. Duque<sup>1</sup>, Flávia P de Castro<sup>2</sup>, André L. A. Oliveira<sup>3</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>3</sup> Universidade Federal Fluminense.

[gabirsalvador@gmail.com](mailto:gabirsalvador@gmail.com)

## RESUMO

A distocia é caracterizada por uma complicação ou dificuldade de realizar o parto de maneira normal, onde se necessita de intervenção médica para que o feto venha a nascer. Essa complicação atinge cerca de 5% dos cães e pode ter origem fetal, em casos na qual o filhote é excessivamente grande relacionado a pelve da progenitora, ou materna, quando o diâmetro pélvico ou tamanho do canal vaginal é inadequado. Além disso, a inércia uterina secundária é outro motivo que pode levar à distocia, caracterizada pela perda da capacidade de contração do miométrio devido a ninhadas grandes, trabalho de parto prolongado, torção ou ruptura uterina. O tratamento dessa complicação pode ser feita de forma medicamentosa, administrando uma dose adequada de ocitocina, sendo um método somente utilizado quando há dilatação do canal do parto e ausência de obstrução, ou por tratamento cirúrgico, como a cesariana de emergência. Esse trabalho tem por objetivo relatar o caso de uma cadela com rompimento uterino e presença de um feto macerado na cavidade abdominal, que precisou ser encaminhada para uma laparotomia de emergência. Uma cadela, da raça Pitbull, de um ano de idade, foi encaminhada para o setor de reprodução e ultrassonografia do Hospital Veterinário da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) após parir sete filhotes natimortos e um vivo. Na avaliação clínica o animal apresentava-se apático, com mucosa hipocorada, dor abdominal e distocia fetal. Durante a anamnese, a tutora relatou que 2 dias antes da consulta aplicou, pela via intramuscular, doses altas de ocitocina na tentativa de induzir o parto. Foi feito o exame ultrassonográfico, no qual constatou-se suspeita de rompimento uterino, sendo encaminhada para o setor de cirurgia logo em seguida. Durante a cirurgia foi observado grande quantidade de líquido livre com odor fétido, além da presença de um feto em estado de maceração solto no abdômen, confirmando-se a suspeita de ruptura uterina, no qual estava lacerado próximo ao ovário esquerdo, além de uma peritonite aguda. A técnica cirúrgica eletiva foi a ovariosalpingohisterectomia, juntamente com a retirada do feto macerado e lavagem da cavidade com solução fisiológica de Cloreto de Sódio 0,9%. Após a cirurgia a paciente foi encaminhada para a internação e retornou após 15 dias para a retirada dos pontos, apresentando melhora clínica significativa, porém com um aumento de volume na região da incisão, suscitando-se de hérnia incisional, mas a tutora se recusou a realizar a cirurgia de correção.

**Palavras-chave:** Distocia, Ruptura uterina, Ocitocina.

# Folículo Hemorrágico Anovulatório em Equino: Relato de caso

**Júlia Eller Pedretti<sup>1</sup>, José Frederico Straggiotti Silva<sup>2</sup>, Victória Régia Gomes Monteiro<sup>1</sup>, João Mateus Ferreira Ribeiro<sup>1</sup>, Natielle Souza Oliveira<sup>1</sup>, Amanda de Souza Nogueira<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[20211300030@pq.uenf.br](mailto:20211300030@pq.uenf.br)

## RESUMO

O Folículo Hemorrágico Anovulatório (HAF) é uma estrutura formada por consequência na falha do processo de ovulação, o qual o antro se enche de sangue com posterior luteinização, sem a ruptura da parede do folículo e liberação do oócito, com etiologia desconhecida. Estudos revelam que alguns animais levam de 7 a 28 dias para luteinizar o HAF fisiologicamente. Durante acompanhamento reprodutivo constatou-se a presença do folículo hemorrágico anovulatório em égua sem idade e raça definida, por meio da palpação e auxílio de ultrassonografia retal. No primeiro dia de avaliação, 24 de agosto, o ovário esquerdo apresentava corpo lúteo e o ovário direito um folículo dominante medindo 26,5mm de diâmetro, 6 dias após, o folículo apresentava 45,5mm, no dia 1º de setembro, com constante crescimento, media 52mm. Após 3 dias, suspeitava-se de HAF com parede medindo 3mm, sendo confirmado no dia 11 de setembro, diante disso, no dia 18 de setembro foi administrado 1 ml de Lutalyse 5 mg/ml via intramuscular, quando o HAF media 24,3mm de diâmetro e 6mm de parede. Posterior 48 horas do tratamento (dia 20 de setembro) era possível visualização de folículos dominantes em ambos ovários, demonstrando que a síntese e secreção de progesterona pela estrutura já não impedia o desenvolvimento de folículos dominantes, no dia 25 de setembro, apresentavam-se com 40mm, e 2 dias após, ocorreu a ovulação no ovário direito enquanto o folículo no ovário esquerdo ainda seguia em crescimento (maior que 60mm de diâmetro). Alguns estudos abordam o impacto reprodutivo em éguas que apresentam o HAF em ciclos seguintes, ou pela demora no processo de luteinização do mesmo. Porém, a égua deste relato, ovulou no mesmo ovário, 16 dias após a detecção do folículo anovulatório. Conclui-se que, o uso do fármaco luteinizante auxiliou a degradação e não houve problemas no ciclo folicular subsequente.

**Palavras-chave:** Folículo, Égua, Ovulação.

# Uso de soro autólogo no tratamento de lesão de córnea em potro: relato de caso

**Yasmin R. Souza<sup>1</sup>, Italo dos S. Coutinho<sup>1</sup>, João Mateus F. Ribeiro<sup>1</sup>, Marianna A. L. de Pinheiro<sup>1</sup>, Marina B. V. de Andrade<sup>1</sup>, Paula A. di Filippo<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

20211300048@pq.uenf.br

## RESUMO

As lesões de córnea são enfermidades frequentes em equinos, pois estes animais possuem o formato dos olhos proeminentes e localizados na lateral da face, de modo a facilitar lesões traumáticas. O desenvolvimento dessas lesões apresenta como sintomas, secreção mucopurulenta, edema palpebral, lacrimejamento, fotofobia, dor ocular e dificuldades para enxergar. A lesão pode evoluir para uma destruição progressiva do estroma corneal comprometendo toda a estrutura ocular, e em casos extremos levar à cegueira. Inúmeras terapias são utilizadas no tratamento oftálmico em equinos visando auxiliar no processo de reparo ocular. O presente trabalho tem por objetivo relatar o uso do soro autólogo em um potro, da raça Quarto de Milha, 7 meses de idade, 160 kg, apresentando lesão de córnea causada por trauma mecânico. Ao exame físico foi possível observar que o animal demonstrava incômodo no olho esquerdo, que se apresentava opaco e com secreção, caracterizando uma inflamação corneana aguda. Foi realizado o teste de fluoresceína sódica 2%, com resultado negativo para úlcera. Como tratamento foi instituído terapia sistêmica com Flunixin Meglumine® na dose de 1,1 mg kg<sup>-1</sup>, durante 5 dias e tratamento tópico com colírio oftálmico a base de hialuronato de sódio, pomada oftálmica à base de acetato de retinol (10.000 UI/g) e soro autólogo (SA). Para a produção do SA, 20 ml de sangue do animal foi coletado em 04 tubos de 05 ml com ativador de coágulo e centrifugado a 3.000 rpm por 5 minutos, sendo então o SA conservado e congelado em eppendorfs. Para a utilização terapêutica, o SA foi descongelado lentamente e utilizado como colírio. O tratamento tópico foi realizado 04 vezes ao dia e mantido por 30 dias. Inicialmente, foi realizada limpeza do olho com soro fisiológico e posterior uso alternado de colírio, pomada e soro autólogo. O tratamento foi eficaz e resultou na cura total da lesão. O SA não contém conservantes, o que evita o risco de toxicidade preservativa, porém exige cuidado na coleta e preparação. O tratamento com SA é um método eficiente para fornecer fatores de crescimento que foram reduzidos por distúrbios da superfície ocular. O SA contém abundantes fatores de crescimento e componentes antibacterianos que possibilitam os fatores nutricionais necessários para manter a viabilidade celular no processo de reparação epitelial. Concluímos que, o SA atua como adjuvante em lesões oftálmicas em equinos, conferindo bons resultados, de baixo custo, praticidade de preparo e minimizando o emprego de tratamentos convencionais sem resposta clínica.

**Palavras-chave:** Oftalmologia, Terapia Celular, Equino.

# Alopecia pós-tosa em Spitz Alemão: Relato de caso

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

<sup>2</sup> Universidade Salgado de Oliveira.

[blendaferreira41@gmail.com](mailto:blendaferreira41@gmail.com)

**Blenda F. G. de Oliveira<sup>1</sup>, Marianna A. de L. Pinheiro<sup>1</sup>, Yasmin R. de Souza<sup>1</sup>, Marina B. V. de Andrade<sup>1</sup>, Nina Q. Costa<sup>2</sup>**

## RESUMO

A alopecia pós-tosa é uma dermatopatia de origem ainda desconhecida, em que os sinais clínicos indicam que há um aprisionamento do folículo piloso que geram diversas alterações dermatológicas, sendo responsável por causar uma perda patológica de pelos principalmente em caninos de raças nórdicas com pelagem dupla, como poodle, chow chow e, em especial, cães da raça Spitz alemão. Essas raças possuem a fase telógena, fase final do crescimento do pelo, prolongada com a finalidade de evitar a troca frequente da pelagem, o que seria uma desvantagem para estes animais que geralmente vivem em regiões de baixas temperaturas. Somado a essa característica, há o desenvolvimento desta pelagem a fim de atuar como um isolante térmico. Ao ato da tosa, o isolamento térmico desenvolvido por essas raças é perdido, podendo provocar a interrupção do crescimento piloso. Assim, o folículo fica exposto à baixas temperaturas, permanecendo na fase estacionária e postergando o início da fase anágena, crescimento inicial e rápido do pelo, podendo persistir, em alguns casos, por mais de ano. Neste presente relato, é descrito o caso de um canino da raça spitz alemão, de seis anos de idade, castrado, 3,5kg, diagnosticado com alopecia pós-tosa, havendo agravamento do caso. Durante o exame físico e dermatológico foi observado a diminuição e ausência de pelos em região dorsal e ventral, nos membros torácicos e pélvicos e pescoço. Além de disqueratose, excesso de queratina na epiderme, e xerose intensa, pele seca. O diagnóstico foi baseado no exame dermatológico de tricograma, especificamente usado em casos de alopecia ao analisar a fase de crescimento do pelo, confirmando que a maior parte dos pelos estavam estacionados na fase telógena. O tratamento realizado baseou-se no poli vitamínico Queranon, 1 comprimido de para cães de até 5kg ao dia, durante 4 meses, associado a Melatonina de 3mg, 2 vezes ao dia, durante 30 dias consecutivos. Já na via tópica foram prescritos banhos semanais com shampoos hidratantes, creme hidrapet, usado como repositores de barreira cutânea, administrado uma vez ao dia, até o fim do protocolo de tratamento e minoxidil tópico à 4% nos locais afetados, 1 vez ao dia, durante 30 dias consecutivos. Após um mês do protocolo de tratamento foi possível observar melhora na hidratação da pele e maior crescimento de pelos. Foi verificada a remissão de 80% do paciente após quatro meses de tratamento constante, com recobrimento piloso e normalização da pele. Conclui-se, então, que a alopecia pós-tosa se trata de uma dermatopatia que possui boas respostas ao tratamento, possuindo um caráter estético.

**Palavras-chave:** Alopecia, Dermatopatia, Canino.

# Uso da uretrocistoscopia no diagnóstico e tratamento da urolitíase em equino: Relato de caso

**João Mateus Ferreira Ribeiro<sup>1</sup>, Júlia P. da Costa<sup>1</sup>, Ludmyla R. Audízio<sup>1</sup>, Luiza Maria F. Ribeiro, Yasmin R. de Souza<sup>1</sup>, Paula Alessandra Di Flipppo<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

[joãomateusvet@gmail.com](mailto:joãomateusvet@gmail.com)

## RESUMO

A urolitíase é uma enfermidade que acomete predominantemente equinos machos adultos, sendo 75 % dos casos machos castrados. Os urólitos são encontrados mais frequentemente na vesícula urinária ou na uretra. Nesse sentido, o diagnóstico da doença baseia-se em anamnese, ultrassonografia, urinálise, cateterização vesical e endoscopia do sistema urinário. Os fatores predisponentes incluem o aumento da concentração da urina, prolongamento do tempo de retenção e, os promotores de crescimentos dos cristais, que podem ser fatores nutricionais e predisposições genéticas. A uretrocistoscopia vem como auxílio tanto na confirmação do diagnóstico, bem como a remoção do cálculo vesical. Um equino macho, SRD, castrado, 400 kg, com 5 anos de idade, foi atendido no Hospital Veterinário da UENF apresentando tenesmo vesical, dor abdominal intensa e disúria. Levando em consideração a clínica do paciente, foi requisita urinálise, junto ao exame ultrassonográfico. A urinálise indicou pH 8,0, presença de hemácias, flora bacteriana acentuada, oxalato de cálcio e carbonato de cálcio. O ultrassom transretal revelou a presença de um cálculo vesical de aproximadamente 3 cm com superfície irregular e espiculada, dito isso, a terapêutica de eleição foi a uretrocistoscopia. O procedimento foi realizado com o animal em posição quadrupedal sob protocolo de sedação (acepromazina 1%; 0,1 mg/kg, IM, seguida da infusão contínua de detomidina 1%; 0,02 mg/kg) e bloqueio loco regional do nervo pudendo (20 ml de lidocaína de cada lado) e pomada lubrificante de lidocaína 5 %. O exame foi realizado com um cistoscópio Fujinon EG- 200FP de 110cm com diâmetro de 8,9 cm e confirmou a presença do cálculo observado anteriormente no exame de ultrassom e revelou, adicionalmente a presença de 2 cálculos de tamanhos significativos. Revelou ainda lesões ulcerativas nas paredes vesicais e presença de processo inflamatório severo. Na ocasião, um dos dois cálculos que havia na vesícula urinária foi removido via peniana com o auxílio do cistoscópio com uma pinça extratora, que possuía cerca de 2 cm. Entretanto, essa via é limitada pelo seu diâmetro que em casos de cálculos com tamanho maior, a extração fica impossibilitada, sendo assim o animal foi submetido, posteriormente, a uma uretrotomia perineal para a remoção dos cálculos remanescentes. A uretrocistoscopia via peniana permite não apenas o diagnóstico como também a remoção de cálculos vesicais pequenos em equinos machos, confirmando sua eficácia no tratamento da urolitíase.

**Palavras-chave:** Uretra, Cálculo vesical, Cavalos.

# Carcinoma espinocelular como diagnóstico diferencial da esporotricose em paciente felino - relato de caso

**Victória Régia G. Monteiro<sup>1</sup>, Gabriela R. Salvador<sup>1</sup>, Julia E. Pedretti<sup>1</sup>, Adriana J. de Almeida<sup>1</sup>, Bianca B. Ederli<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

[victoriaregia801@gmail.com](mailto:victoriaregia801@gmail.com)

## RESUMO

A esporotricose é uma infecção micótica de caráter zoonótico causada pelos fungos do complexo *Sporothrix*, se manifestando através de lesões cutâneas, sendo mais frequente em felinos, podendo apresentar sintomas que se assemelham a outras doenças. No entanto, é notável que, após testes de microscopia direta e cultura fúngica, muitos felinos domésticos apresentam alterações clínicas sugestivas da doença, mas obtenham diagnósticos negativos. Neste estudo, foi descrito o caso de uma gata adulta, sem raça definida e de pelagem branca e preta, atendida em Campos dos Goytacazes, RJ. A paciente apresentava uma lesão ulcerada no plano ventro-lateral da mandíbula, com dimensões de 0,2 cm x 0,3 cm, com coloração avermelhada e consistência firme, não apresentando cicatrização, com suspeita inicial de esporotricose. Foi realizada a coleta do material ulcerativo com um swab estéril para a análise microscópica e cultivo em meio ágar Sabouraud, tendo os resultados de ambos os testes negativos para a presença do complexo *Sporothrix*. Após o diagnóstico negativo, foi realizada uma sorologia para detecção de anticorpos contra *Sporothrix*, que também apresentou resultado negativo. Logo em seguida, a paciente foi submetida a uma biópsia excisional e o material coletado foi enviado para a histopatologia, constatando-se carcinoma espinocelular, moderadamente bem diferenciado. O carcinoma espinocelular (CEC) é uma neoplasia maligna dos queratinócitos que afeta cães e gatos, representando aproximadamente 15% dos tumores cutâneos na espécie felina. Os principais fatores de predisposição para o desenvolvimento do CEC em felinos incluem exposição prolongada à luz solar e a presença de pelagens despigmentadas ou com escassez de pelos. As áreas frequentemente afetadas são os pavilhões auriculares, plano nasal, lábios e pálpebras, podendo também acometer a boca, língua e região sublingual. A análise laboratorial desempenha um papel fundamental na obtenção de um diagnóstico preciso, especialmente devido à possibilidade de confusão clínica entre a esporotricose e outras patologias. Por meio dessas análises, é possível determinar a terapia mais adequada para cada caso, o que, por sua vez, aumenta significativamente as chances de sucesso no tratamento. O diagnóstico preciso desta neoplasia maligna é fundamental para a determinação do tratamento apropriado, uma vez que a sintomatologia pode ser confundida com outras patologias, como a esporotricose.

**Palavras-chave:** *Sporothrix*, Neoplasia, sintomatologia.

# Laserterapia na reparação tecidual em equino

Júlia P. da Costa<sup>1</sup>, João Mateus Ferreira Ribeiro<sup>1</sup>, Ludmyla R. Audízio<sup>1</sup>, Luiza Maria F. Ribeiro<sup>1</sup>, Yasmin R. de Souza<sup>1</sup>, Paula Alessandra Di Flippo<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

[juliapachecosta@hotmail.com](mailto:juliapachecosta@hotmail.com)

## RESUMO

Na espécie equina, as feridas são comuns e decorrentes de acidentes traumáticos ou infecções, podendo variar em gravidade, desde pequenos ferimentos até profundos e potencialmente fatais. O tratamento deve ser específico a cada caso, pois complicações graves podem ocorrer. O uso da laserterapia vem se difundindo na medicina equina na prevenção de lesões em tendões e ligamentos e no tratamento de feridas e doenças articulares. Foi encaminhado ao Hospital Veterinário da UENF, um equino macho, castrado, SRD, de 5 anos de idade e 400 Kg, apresentando quadro de urolitíase vesical. O animal foi submetido a uretostomia perineal para retirada do cálculo na uretra pélvica, o quadro do paciente evoluiu para uma laminite apresentando sensibilidade aumentada ao pinçamento do casco, aumento de pulso da artéria digital palmar em ambos os membros torácicos e aumento de temperatura na parede dos cascos. No exame radiográfico observou-se grau de rotação e afundamento da falange distal no membro torácico esquerdo, confirmando o diagnóstico de laminite crônica. Foi instituído o tratamento sistêmico a base de firocoxib (0,4 mg/kg, BID, 60 dias, VO) e omeprazol (5mg/kg, SID, 45 dias, VO). Nesse sentido, 30 dias após identificação do quadro de laminite, o animal apresentou uma ferida na região da porção medial do casco esquerdo, próximo à borda coronária, com secreção purulenta, medindo 13 centímetros. Realizou-se a limpeza da ferida com PHMB gel e bandagem ortopédica, diariamente, durante XXX dias. Com a redução da secreção na ferida, iniciou-se o tratamento com laserterapia (Laservet 1.0 classe IIIB- Globus®) ao redor de toda borda coronária e coroa dos cascos, duas sessões por semana, durante XXX semanas. Foram utilizados 6 J/ cm<sup>2</sup> por disparo, 4 segundos por disparo, sendo 90 disparos totais em 6 minutos, 540 J/ área total, com comprimento de onda de 808 nm. Constatou-se melhora gradativa no grau de claudicação e cicatrização da faixa coronária, com controle da infecção. Realizou-se também o casqueamento e ferrageamento corretivo, para a estabilização do estojo córneo e conforto durante a locomoção. Após o término do tratamento sistêmico, foram mantidas as sessões de laserterapia para o controle da dor e cicatrização resultando em uma ferida com bordas aproximadas e diminuição significativa do tamanho da lesão inicial. A presença de inflamação e síntese de tecido de granulação, não era mais observada. O laser é uma terapia fotobiomoduladora com efeitos anti-inflamatórios e analgésicos, além de estimular o metabolismo das células. Conclui-se que no caso em questão a utilização da laserterapia apresentou resultados satisfatórios, sendo observado o aumento da reparação tecidual durante o período de tratamento. Além dos efeitos analgésicos obtidos com a utilização desta terapia, foi possível observar melhora na cicatrização da borda coronária, controle do processo inflamatório e estimulação do crescimento do novo casco.

**Palavras-chave:** Ferida, Laser, Cicatrização.



# Relato de caso: Lesão óssea mandibular causada por emaranhamento em *Sotalia guianensis* (van Bénédén, 1864)

Raíssa de S. Pizzo<sup>1</sup>, Bruna F. Calegari<sup>1</sup>, Ana Paula C. Farro<sup>2</sup>, Lupércio A. Barbosa<sup>3</sup>, Leonardo S. da Silveira<sup>1</sup>, Leticia V. G. da Silva<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>3</sup> Instituto Organização Consciência Ambiental - Instituto ORCA.

[raissapizzo15@gmail.com](mailto:raissapizzo15@gmail.com)

## RESUMO

O boto-cinza, *Sotalia guianensis* (Cetartiodactyla: Delphinidae), é um cetáceo odontoceto homodonte e monofiodonte. Com a família Delphinidae o boto-cinza compartilha a característica de rostro pronunciado, morfologia esta que favorece o emaranhamento em artefatos de pesca. Nos cetáceos, a mandíbula é formada por dois ossos, a hemimandíbula direita e a esquerda, unidos por uma sínfise pouco consistente na extremidade rostral que alcança entre 19 e 23% do comprimento do dentário. Em toda a extensão de cada corpo mandibular de *S. guianensis* há de 24 a 38 alvéolos dentários. As fraturas são condições patológicas que afetam o tecido ósseo, definidas como a perda da integridade óssea causada por lesão mecânica ou fisiopatológica e resultam na redução da resistência do órgão. O objetivo do presente relato é descrever lesão presente em hemimandíbulas de *S. guianensis* causada por emaranhamento. A equipe do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Animais Selvagens (NEPAS) foi até a cidade de Guarapari-ES para a análise da coleção óssea de cetáceos do Instituto Organização Consciência Ambiental (ORCA). A presença de monofilamento emaranhado na mandíbula de um espécime macho juvenil de boto-cinza chamou atenção. Cada osso do animal foi avaliado individualmente e apenas a alteração em hemimandíbula esquerda e direita foi encontrada e fotografada. A fratura foi causada pelo monofilamento que gerou uma ferida incisa profunda que ultrapassou toda a barreira imunológica da pele, músculos cutâneos e profundos e resultou em deformação óssea. Na hemimandíbula esquerda, na região média do corpo mandibular, caudal ao forame mentoniano, percebeu-se a presença de um fio semelhante a nylon circundo a região do corpo mandibular envolvendo quatro alvéolos dentários. Ocorreu reação óssea ao redor do fio, com depressão óssea no local de inserção e proliferação óssea em superfície lateral da mandíbula com aspecto levemente arredondado e poroso, sugestivo de estar associado a processo inflamatório com subsequente ação de remodelação óssea. Na mesma região, porém no corpo da hemimandíbula direita, observou-se lesão óssea semelhante em seis alvéolos dentários, contudo o fio não estava aderido à superfície óssea. *Sotalia guianensis* é categorizada como “vulnerável” na Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas de extinção, o que ressalta a ameaça do emaranhamento para saúde e sobrevivência da espécie. A pesquisa e o monitoramento auxiliam na compreensão dos desafios enfrentados pela espécie, entretanto pouco é relatado na literatura científica sobre lesões associadas ao emaranhamento. O presente relato de caso tem importância na notificação à comunidade científica sobre como o emaranhamento pode afetar a saúde de um espécime, além da população.

**Palavras-chave:** Boto-cinza, Emaranhamento, Lesão mandibular.

# Urolitíase vesical em equino: relato de caso

Ludmyla Rodrigues Audizio<sup>1</sup>, Leticia D. Cirne<sup>1</sup>, Allana P. Barboza<sup>1</sup>, Rhayane C. Batista<sup>1</sup>, Paula A. Di Filippo<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

[ludmyla.audizio93@gmail.com](mailto:ludmyla.audizio93@gmail.com)

## RESUMO

A urolitíase é uma enfermidade rara e de baixa ocorrência em equinos. Os urólitos são encontrados com maior frequência na vesícula urinária, podendo também ser na uretra, rins e ureteres. Acomete majoritariamente equinos com idade média de 10 anos e machos castrados, justificando a maior prevalência nos machos em razão da uretra mais longa e estreita. Os sinais clínicos incluem tenesmo, disúria, estrangúria e polaquiúria, sendo os sinais de cólica frequentes nos quadros agudos de urolitíase vesical e uretral devido à distensão da vesícula urinária. O diagnóstico é feito por exames hematológicos, urinálise, ultrassonografia, cateterização vesical e endoscopia do sistema urinário. Foi atendido no Hospital Veterinário da UENF um equino macho, castrado, 5 anos de idade e 400 kg. No exame físico constatou-se taquicardia, taquipneia e hipomotilidade intestinal. Observou-se edema prepucial, de pênis e região perineal, disúria e hematúria. Na palpação transretal notou-se grande distensão da vesícula urinária e, a sondagem uretral não foi produtiva, pois a sonda progredia apenas na uretra peniana, sem acesso a vesícula urinária. Na ultrassonografia perineal evidenciou-se estrutura hiperecogênica de 2,4 cm na uretra pélvica. O animal foi então submetido a uma uretrotomia perineal de emergência, realizada com sucesso, onde foi removido o urólito. Após a realização novos exames, confirmou-se a presença de outros 2 cálculos vesicais. O animal foi submetido a novo procedimento de uretrotomia perineal em posição quadrupedal, sob neuroleptoanalgesia (acepromazina 1%; 0,1 mg/kg, IM, seguida da infusão contínua de detomidina 1% ,0,02 mg/kg, IV, associada a butorfanol 1%, 0,01 mg/kg, IV). A infiltração local foi feita com lidocaína 2% sem vasoconstritor. Uma incisão vertical de pele com aproximadamente 6 cm foi realizada no períneo e, após a dissecação do subcutâneo, a uretra pélvica foi localizada e incidida no seu comprimento. Com a utilização de um endoscópio Fujinon EG-200FP® (110cm de comprimento e 8,9 cm de diâmetro) foi feita a localização dos cálculos no interior da vesícula urinária e com o auxílio de uma pinça extratora (tipo Basket 40mm), o urólito foi tracionado até a porção pélvica da uretra e removido. Os urólitos possuíam superfície irregular e espiculada, o maior apresentava aproximadamente 4 cm e o menor 3 cm. Foi feita a rafia das margens uretrais com a musculatura em padrão simples contínuo com fio absorvível (poligalactina 2-0). A uretra permaneceu aberta no pós-operatório, cicatrizando por segunda intenção. No pós-cirúrgico foi administrado antibióticos e anti-inflamatórios de rotina e curativos da ferida cirúrgica com iodopolvidona tópica 10%. Após o fechamento da uretrotomia o animal voltou a urinar pelo pênis. A uretrotomia e a cistotomia guiada por endoscópio foram os procedimentos escolhidos tanto para diagnóstico como tratamento, permitindo a remoção dos cálculos e resolução do caso. Embora a urolitíase seja incomum na rotina clínica equina, é importante ser incluída como diagnóstico diferencial de enfermidades, como a síndrome cólica.

**Palavras-chave:** Equino, Urólito, Uretrotomia.

# Vigilância da circulação de Paramyxovirus e Influenza A em aves silvestres migratórias e residentes

Julia A. C. Peçanha<sup>1</sup>, Cláudia Maria C. Almeida<sup>1</sup>, Gabriella S. Mendes<sup>1</sup>, Norma Suely O. Santos<sup>1</sup>, Jose Nelson S. Silva<sup>1</sup>, Carlos Eurico P. F. Travassos<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro.

[juliaalvarenga.pecanha@gmail.com](mailto:juliaalvarenga.pecanha@gmail.com)

## RESUMO

Aves silvestres são reservatórios naturais de patógenos importantes, com um papel significativo na disseminação de doenças relevantes mundialmente. É o caso da doença de Newcastle (*Orthoavulavirus javaense*, paramixovírus aviário tipo 1), que pertence ao grupo dos Paramyxovírus Aviários, e da gripe aviária (*Alphainfluenzavirus influenzae*, vírus Influenza tipo A), ambas zoonoses altamente contagiosas e de impactos econômicos para a avicultura. No Brasil, notificações recentes de Influenza Aviária de Alta Patogenicidade em aves silvestres são cada vez mais frequentes, ameaçando a produção e exportação de carne de frango no país. O monitoramento é uma importante ferramenta para a prevenção de patógenos transfronteiriços, sendo o objetivo desse estudo analisar a circulação de Influenza A e dos Paramyxovirus Aviários em aves silvestres migratórias e residentes, por meio de biologia molecular. Durante a temporada de migração, de setembro de 2022 a maio de 2023, foram obtidas amostras de 68 aves costeiras nos estados do Rio de Janeiro e de Santa Catarina. Todas elas pertencem à ordem dos Charadriiformes, que junto dos Anseriformes são considerados os principais reservatórios naturais de Influenza Aviária. As capturas ocorreram com redes ornitológicas e as aves capturadas foram anilhadas seguindo especificações do CEMAVE/IBAMA. As amostras, swabs cloacais e fezes, foram armazenadas em meio Brain Heart Infusion (BHI) contendo gentamicina a -20°C. Foi realizada a extração do RNA viral com TRIzol®, seguida pela RT-qPCR, realizada com SYBR Green Master Mix®. Os primers escolhidos contemplaram a proteína M (matriz) para os vírus Influenza A, e o gene L (polimerase) para os Paramixovírus, ambas regiões preservadas independente dos subtipos. Até o momento, todas as amostras analisadas foram negativas para os agentes, o que condiz com o baixo número de amostras. Novas capturas serão feitas, também seguindo o período migratório das aves no Brasil. Caso animais positivos sejam diagnosticados, o gel de eletroforese, contendo o segmento genômico amplificado, será encaminhado para sequenciamento na empresa MacroGen Inc. As sequências nucleotídicas obtidas serão analisadas pelo programa BLAST para confirmação do vírus e identificação das sequências mais próximas. Estas serão alinhadas com sequências correspondentes obtidas do GenBank, utilizando o algoritmo MegaAlign do pacote do software Lasergene v.7.0. Estima-se que com um maior número amostral, o levantamento epidemiológico indique a real prevalência e os subtipos desses patógenos em solo brasileiro, auxiliando nas medidas profiláticas e sanitárias necessárias à proteção da saúde pública.

**Palavras-chave:** Zoonoses Aviárias, Epidemiologia, Saúde Única.

# Conscientização da comunidade sobre os riscos de contaminação microbiana após o contato com animais silvestres na região Norte/Noroeste Fluminense

**Samuel Marques Lopes dos Santos<sup>1</sup>, Ana Beatriz Deniz Vilas Lopes<sup>1</sup>, Caio César Teles Nepomuceno<sup>1</sup>, Carolayne Paes Nogueira<sup>1</sup>, Milena dos Santos Viana<sup>1</sup>, Olney Vieira da Motta<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

20211300061@pq.uenf.br

## RESUMO

Bactérias e outros microrganismos super resistentes tem sido um assunto muito abordado ultimamente na comunidade científica, isso porque eles apresentam grande risco à biodiversidade e ao controle sanitário animal e humano. Esta pesquisa apresenta os resultados de um estudo realizado na Reserva Biológica da União, situada no estado do Rio de Janeiro, Brasil, que investigou a presença de doenças zoonóticas e a resistência antimicrobiana em bactérias coletadas de amostras de animais silvestres, principalmente pequenos marsupiais. O objetivo deste trabalho é evidenciar microrganismos super resistentes, principalmente bactérias pertencentes à família *Enterobacteriaceae*. O método de coleta das amostras envolveu swabs estéreis, que foram utilizados nas cavidades oral e no conduto auditivo externo e interno dos animais silvestres. O material coletado foi então transferido para tubos contendo caldo BHI e incubados a 37°C por 24 horas. Após a incubação, as amostras foram centrifugadas e inoculadas em placas contendo ágar Sangue, ágar MacConkey para identificação de Bacilos Gram-negativos (Família: *Enterobacteriaceae*), e ágar Sabouraud + cloranfenicol para fungos leveduriformes. Além das análises laboratoriais, como tratamos de um projeto de extensão, participamos de feiras, são feitas visitas a escolas do município de Campos dos Goytacazes com o objetivo de conscientizar a comunidade sobre o assunto. Os testes de antibiograma foram conduzidos em Ágar Mueller Hinton para avaliar a suscetibilidade ou resistência das bactérias a diferentes antibióticos. Os antibióticos foram selecionados de acordo com a lista CLSI 2021 para a interpretação das zonas de inibição e concentração inibitória mínima dos antimicrobianos para as *enterobacteriaceae* foram usados Amoxicilina + Ácido Clavulânico; Tetraciclina; Ciprofloxacina; Cefoxitina; Tobramicina; Ampicilina; Gentamicina; Sulfazotrim - Sulfametoxazol/Trimetoprim. São exemplos de algumas das bactérias isoladas: *Escherichia Coli*, *Serratia spp*, *Klebsiella spp*. Os resultados revelaram que 9 das 69 amostras analisadas apresentaram resistência a um ou mais antibióticos. Isso indica um grande impacto ambiental pois o fato de um microrganismo estar resistente a um antimicrobiano pode sugerir que haja alterações antrópicas, principalmente nas águas desses locais, contaminadas pelas efluentes. A partir disso pode-se notar que o uso indiscriminado de antibióticos também são os principais suspeitos desta hipótese. Além disso, fica evidente que os microrganismos encontrados nos estudos são em sua maioria zoonóticos e podem causar grandes problemas em relação à população local. O objetivo no presente estudo não é de amedrontar cidadãos no que tange à respeito aos animais silvestres, mas sim de alertar que as distâncias de interações são necessárias. Além do risco de contaminações cruzadas a partir de um contato inadequado. É necessário ressaltar, sobretudo, que encontrar microrganismos super resistentes podem representar um desafio à saúde humana e animal. Uma vez que o espectro de antimicrobianos disponíveis no mercado reduz. A partir disso, conclui-se que medidas de conscientização são mais que necessárias.

# Uma abordagem sobre a formação do médico veterinário como profissional de saúde única

Mirza Nunes Tavares<sup>1</sup>, Francimar Fernandes Gomes<sup>1</sup>, Júlia de Siqueira Rodrigues<sup>1</sup>, Giulia Freire Alves do Nascimento<sup>1</sup>, Ana Cinthia Ferreira Wingeter<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

[mirzatabares@gmail.com](mailto:mirzatabares@gmail.com)

## RESUMO

Nos últimos anos, o termo One Health vem ganhando espaço cada vez maior nas discussões científicas que tratam de questões ligadas à saúde e epidemiologia. Esse termo significa Saúde Única e trata da integração entre a saúde humana, a saúde animal, o ambiente e a adoção de políticas públicas efetivas para prevenção e controle de enfermidades. Nesse contexto é importante destacar o papel que as instituições de ensino superior desempenham na formação e capacitação de profissionais que atuam na formulação, implementação e concretização de políticas de promoção, proteção e recuperação da saúde. O trabalho proposto teve como objetivo identificar em discentes dos cursos de medicina veterinária a influência que esta formação acadêmica exerce no despertar de sua vocação profissional para atuação em áreas de conhecimento que tenham relação com o conceito de saúde única. O trabalho foi desenvolvido no Setor de Inspeção de Produtos de Origem Animal do Laboratório de Morfologia e Patologia Animal (LMPA), Centro de Ciências e Tecnologias Agropecuárias (CCTA) da Universidade Estadual do Norte Fluminense- Darcy Ribeiro (UENF). Durante o período de dois meses foi aplicado um questionário on-line para alunos de veterinária do 1º e último período. No total foram respondidos 174 questionários. No que concerne ao interesse por áreas relacionadas à saúde única, verificou-se a existência de diferença entre a expectativa do discente matriculado no primeiro período em comparação ao que se encontra no último período, visto que ao ingressar na graduação o discente enxerga como representativo da profissão as áreas conhecimento relacionadas a clínica e cirurgia de animais e com o passar dos anos essa visão muda. Para áreas como Inspeção e Tecnologia de Produtos de Origem Animal, citadas como preferidas por 8,6% dos entrevistados em fase inicial de curso, observou-se um aumento de preferência na ordem de quase três vezes, já que passou a ser citada por 22,4% dos entrevistados. Em contrapartida, na área de Clínica Veterinária observou-se o decréscimo de 32,8% para 21,3% no decorrer do curso. Comprovou-se a influência da formação acadêmica no despertar do interesse de acadêmicos de medicina veterinária por outras áreas de conhecimento relacionadas à saúde única. Ao final do curso a área de clínica continua sendo amplamente procurada, entretanto, é importante que os cursos de veterinária promovam ajustes em suas matrizes curriculares para direcionar de forma equilibrada a formação acadêmica dos discentes, sendo necessário dar ênfase a capacitação em áreas de conhecimento relacionadas diretamente a saúde única. Em resumo, as áreas de atuação do profissional formado em um curso de bacharelado em Medicina Veterinária são bastante amplas. Suas atividades vão além da prática clínica e cirúrgica em prol da saúde dos animais, elas também estão relacionadas a produção e inspeção de seus respectivos produtos e derivados, passando pelo envolvimento com ações de defesa sanitária animal, que se interligam com as ações de saúde pública.